



Mulheres na agroecologia: entre o trabalho doméstico invisibilizado e as experiências em economia solidária

Women in Agroecology: between invisible domestic work and experiences in solidarity economy

VILA, Melisa Magali¹; PEREIRA, Viviane Camejo²

¹ Universidade Federal do Paraná, melisamagalivila@gmail.com; ² Universidade Federal do Paraná, vivianecamejop@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: Este estudo tem como temática a participação das mulheres na interdependência dos processos que garantem a sustentabilidade da sociedade por meio da geração de renda, como também, sua organização coletiva para a produção e cuidado da vida na Agroecologia. O objetivo é apresentar elementos que sirvam como base para construção de problematizações sobre a mulher na Agroecologia envolvendo as perspectivas da economia feminista e da economia solidária. A metodologia envolveu a busca por artigos com o uso de palavras-chave em base de dados científicos e sites de entidades ligadas à Agroecologia. As mulheres impactam os processos produtivos e reprodutivos dos cuidados da vida e na ação política na comunidade e seus territórios. Evidencia-se a importância do reconhecimento da realidade das mulheres rurais como sujeitos coletivos de transformação a partir da reflexão e análise sobre o trabalho delas.

Palavras-chave: economia feminista; feminismos; organização coletiva.

Introdução

No sistema político-econômico vigente, o trabalho de cuidado e de afeto para a sustentação e reprodução da vida é executado pelas mulheres no âmbito doméstico, e este trabalho, na maioria das vezes é invisibilizado. No rural, muitas vezes o trabalho doméstico ainda é sobreposto pelo trabalho na produção agrícola, o que não acontece normalmente em relação aos homens. Ainda assim, as mulheres têm tido um papel fundamental na construção da agroecologia e na produção de base ecológica. De acordo com Machado *et al.* (2021), a América Latina é a região em que mais estudos sobre feminismo e Agroecologia são realizados.

Esta é a problemática sobre a qual se está construindo a pesquisa de mestrado da primeira autora no âmbito do desenvolvimento territorial sustentável. Ela é impulsionada pelo intuito de conhecer as diferentes experiências e elaborações de mulheres que, por meio da ação, promovem mudanças em suas vidas e nas suas comunidades, realizando articulações no âmbito da economia, no âmbito político e



no âmbito territorial. Pensar em uma economia que tenha por base a solidariedade, igualdade, justiça e reciprocidade apresenta inúmeros desafios, inclusive no âmbito da equidade de gênero. É neste contexto que argumentamos a importância da economia feminista para análise, compreensão e transformação da economia.

A economia feminista é influenciada por diversas escolas de economia (neoclássica, institucionalista, pós-keynesiana, social e ecológica até a marxista) (FERNANDEZ, 2018). Neste estudo, entende-se que dificilmente seria possível a equidade de gênero em um sistema econômico que não valoriza o trabalho reprodutivo. Vivemos em um sistema político-econômico que desvaloriza todo tipo de trabalho que não produz mercadoria, ainda que, em muitos casos, estes trabalhos contribuam diretamente para tal. Um exemplo é o trabalho doméstico envolvido no cuidado com a família. A economia hegemônica não dá o devido valor ao trabalho da mulher em si, ainda que ele possa gerar lucro. O trabalho feminino na agricultura, por exemplo, é desvalorizado, ainda que sejam as mulheres, muitas vezes, as responsáveis pela conservação das sementes e mudas, pelas hortas e quintais, atividades indispensáveis ao autoconsumo familiar e importantes na comercialização de excedentes. A economia feminista apresenta os efeitos negativos da assimetria entre o trabalho e a economia no âmbito das atividades exercidas por mulheres e homens (FERNANDEZ, 2018).

Sendo assim, a economia solidária vinculada a Agroecologia no âmbito da produção de alimentos instiga a reflexão sobre a construção de outros paradigmas, alternativos ao paradigma hegemônico, baseado em uma visão mercantilizada da vida. A economia feminista e a economia solidária são perspectivas que compreendem a relevância que atividades econômicas não mercantis e não monetárias têm nesse contexto. Apesar da sua relevância, é importante também que uma Agroecologia feminista extrapole a discussão econômica, perpassando também a discussão sobre a sociedade, evidenciando a opressão vivida pelas mulheres no campo e na cidade. Para Soler Montiel, Rivera-Ferre e García Roces (2020, n.p.) com frequência “[...] as mulheres permanecem sendo invisibilizadas ou consideradas ajudantes e não protagonistas da transição agroecológica.”

Dessa forma, a economia feminista e a economia solidária na Agroecologia possibilita a análise sobre o protagonismo das mulheres na construção deste novo paradigma. Uma Agroecologia feminista precisa ser desenvolvida ao mesmo tempo em que se constroem relações sociais no campo mais justas e equitativas, sem anular a importância das relações econômicas na geração de renda. É preciso enfatizar as atividades que contribuam para que as demais atividades econômicas aconteçam. Esse novo paradigma carrega análises de outras categorias esquecidas e desconsideradas pelo paradigma hegemônico, como são os aspectos sociais, ecológicos e políticos. Miriam Nobre (2015) traz a relevância e a importância da construção de um paradigma contra hegemônico, pois a economia feminista, com base solidária, visibiliza o rol das mulheres ao considerar outros valores como a igualdade e solidariedade. Este estudo objetiva apresentar elementos que sirvam como base para construção de problematizações sobre a mulher na Agroecologia.



Metodologia

A metodologia para construção deste trabalho envolveu a consulta a artigos científicos a partir da busca no Google Acadêmico com o uso de palavras-chave: “agroecologia feminista” “economia solidária feminista” “economia feminista” e a base de dados Scielo com o uso das palavras-chaves: “mulheres e agrobiodiversidade” e “guardiãs de sementes”. Além disso, foram consultados sites de entidades ligadas à Agroecologia.

Resultados e Discussão

São as mulheres, seja no campo ou na cidade em diferentes comunidades, que na sua prática cotidiana, constroem caminhos de resistência e apresentam mudanças significativas na esfera dos relacionamentos, dos afetos e dos cuidados que todos os seres humanos precisam ao longo da sua vida. O reconhecimento e visibilidade dos trabalhos dessas mulheres se faz fundamental, pois articula todo um caminho de fortalecimento e empoderamento delas como pessoas coletivas de transformação. Nesse sentido, torna-se fundamental refletir sobre o trabalho das mulheres no âmbito rural, desde o reconhecimento da divisão sexual do trabalho, passando pela compreensão da importância do trabalho doméstico e de cuidados até a produção de alimentos saudáveis para autoconsumo, como base do sustento da vida das suas famílias e comunidades.

A relação das mulheres e a Agroecologia é de carácter histórico, a contribuição das mulheres foi, é e será sempre fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A Agroecologia como ciência, movimento e prática (WEZEL *et al.*, 2009), possibilita entender como é fundamental iniciar e perpetuar iniciativas de resgate, seja através das diferentes práticas, assim como também desde a memória afetiva, pois é através do diálogo de saberes e de uma constante dialética que podemos construir as bases de uma sociedade mais justa. Sobre essas considerações achamos pertinente trazer a relação das mulheres, agroecologia e a Soberania Alimentar, pois esta relação é fortalecida pelas iniciativas em economia solidária. Resulta imperativo colocar as relações que se estabelecem, sob uma ótica feminista, entre a agroecologia, Soberania Alimentar e uma realidade objetiva que delimita uma responsabilidade quase absoluta feminina sobre o ato de alimentar. Nesse sentido, trazemos as análises das autoras Giordani, Bezerra e Anjos (2017) em relação ao ato cotidiano de alimentar (a si mesmo e aos demais) como um ato político. Segundo as autoras, a produção de alimentos na Agroecologia atinge diferentes dimensões como a integração com o espaço, a visão sobre a ampliação do conceito de saúde e o bem-estar que “se completa na tomada de consciência em relação à necessidade de integração sociedade-natureza” (GIORDANI; BEZERRA; ANJOS, 2017, p. 434). Constatamos essa assertiva através da contribuição de Esteve (2017), em que demonstra o papel fundamental que as mulheres têm nas ações da alimentação. Para a autora, entre 60% a 80% da produção de alimentos



no hemisfério Sul é realizada por mulheres (ESTEVE, 2017). Esses processos não são contabilizados pela macroeconomia, por tanto, eles são invisibilizados.

Desde o ponto de vista histórico e ecológico, as mulheres já nos inícios da vida cuidam dos legados ambientais, desde o cuidado dos seus quintais produtivos das águas e das florestas. São elas as guardiãs de sementes que perpetuam a vida e a biodiversidade, são elas que plantam, colhem e preparam alimentos saudáveis, sem venenos nem pesticidas, são elas que garantem a segurança alimentar dos seus povos. Na reprodução dos agroecossistemas sustentáveis, as mulheres ocupam um lugar fundamental; além de cuidar e trabalhar com diferentes atividades das hortas, as mulheres são as principais protagonistas na manutenção destes agroecossistemas, tendo a responsabilidade de plantar alimentos para o consumo familiar e comercialização quando for possível. O mais importante, além da execução destas atividades, é que elas contribuem diretamente com a conservação da biodiversidade, através da troca de sementes e mudas que pelo geral fazem com suas vizinhas (FERREIRA, 2016). Um exemplo disto, é o que acontece com um grupo de 20 mulheres assentadas no município de Juti, localizado no Sudoeste de Mato Grosso do Sul (Microrregião de Dourados). Neste município existem dois Assentamentos: Sebastião Rosa da Paz onde moram 51 famílias e o assentamento Santa Clara com 80 famílias (DORCE *et al.*, 2018). Com uma grande preocupação pela soberania e a segurança alimentar das suas famílias, esse grupo de mulheres, há mais de 10 anos, tem produzido nos seus quintais uma variedade de culturas como por exemplo: milho, feijão, amendoim, mandioca, cará, entre outras variedades de plantas para adubação verde como feijão de corda e crotalaria e guandu (DORCE *et al.*, 2018). O destino dessa produção é a alimentação familiar e o excedente vendido na feira livre do município. Após cada colheita, as mulheres selecionam e guardam as melhores sementes para o ano seguinte e trocam suas sementes com os vizinhos para uma diversificação dos cultivos das diferentes famílias (DORCE *et al.*, 2018). Demonstra-se que a Agroecologia proporciona uma autonomia para essas mulheres que não dependem de insumos externos, possibilitando assim a permanência no âmbito rural, preservando o ambiente e conservação dos solos, assim como também perpetuando os saberes locais.

A relação entre a Agroecologia e as práticas agroecológicas que as mulheres desenvolveram ao longo dos anos é importante ser ressaltada. São inúmeras experiências agroecológicas onde o cultivo de plantas medicinais foi o catalisador para o que chamamos de “farmácias vivas”, e essas iniciativas são uma forte estratégia de resistência ao agronegócio e à indústria farmacêutica. Um exemplo disto é um estudo que foi realizado no distrito de Rincão da Cruz, em Pelotas-RS (LIMA *et al.*, 2014), com um grupo de 15 agricultoras que conservam uma série de conhecimentos com plantas medicinais e se reúnem de forma organizada sem nenhum tipo de apoio governamental (extensão rural). Nas reuniões que elas fazem de maneira mensal, acontece uma troca de receitas e aproveitamento das plantas medicinais que elas têm, assim como também acontecem atividades com artesanato e conversam sobre diferentes assuntos de interesse comum (alimentos adequados para a saúde, lazer, passeios, etc) (LIMA *et al.*, 2014). Esse estudo



demonstra que essas mulheres assumem os cuidados das suas próprias famílias e da comunidade por meio de um conhecimento sobre plantas medicinais e sobre entender que uma boa alimentação é base para a manutenção das atividades da população em geral.

Svampa (2019) chama a atenção no fato de que na América Latina, o protagonismo das mulheres foi se incrementando nas últimas décadas. Mulheres indígenas, camponesas, mulheres afrodescendentes, mulheres pobres, lésbicas e trans, rompem o silêncio e criam relações de solidariedade e novas formas de autogestão coletiva (SVAMPA, 2019). Conseqüentemente, esse empoderamento aparece alinhado no auge das crises socioambientais, em que as mulheres adquirem uma participação muito importante na denúncia de um modelo de produção que é altamente destrutivo, e que detém a riqueza em detrimento dos recursos naturais da América Latina.

Conclusões

A relação das mulheres e da agroecologia é um fato histórico, essa relação pode ser vista claramente no vínculo das mulheres e a agrobiodiversidade. As mulheres demonstram por meio de seus cultivos e da produção de alimentos, o quanto elas contribuíram historicamente na construção do conhecimento agroecológico. É digno considerar a importância dos grupos de mulheres em movimento, que por meio da sua organização promovem mudanças nos seus territórios. Os grupos de mulheres na economia solidária, precisam se empoderar para abrir caminhos também na ordem de políticas públicas que viabilizem outros processos e que o debate seja institucionalizado. Nesse caminho, é preciso continuar permanentemente na reflexão e reconstrução de novos horizontes.

Agradecimentos

Agradecemos a CAPES pela bolsa de mestrado concedida à primeira autora.

Referências bibliográficas

DORCE, L. C.; FIGUEIREDO, J. P. F.; LOBTCHENKO, J. C. P.; FERNANDES, A. C. de Q.; SANGALLI, A.; PEREIRA, Z. V. O papel da mulher no resgate e multiplicação e Sementes Crioulas no Sul do Mato Grosso do Sul. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018. Anais do VI Congresso Latino-americano de Agroecologia, 12 a 15 de setembro de 2017, Brasília/DF.

ESTEVE, E. V. **O negócio da comida: quem controla nossa alimentação?** São Paulo: Expressão Popular, 2017.

FERNANDEZ, B. P. M. economia feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 38, n. 3, 2018.



FERREIRA, A. P. L. Agricultoras do pajeú: feminismo e agroecologia no semiárido brasileiro. **Revista Pegada**, São Paulo, v. 17, n. 2, 2016.

GIORDANI, R.; BEZERRA, I.; ANJOS, M. Semeando agroecologia e colhendo nutrição: rumo ao bem e bom comer. *In*: IPEA. **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil**: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável. Brasília: IPEA, 2017. p. 433-454.

LIMA, A. R. A.; HECK, R. M.; VASCONCELOS, M. K. P.; BARBIERI, R. L. Ações de mulheres agricultoras no cuidado familiar: uso de plantas medicinais no sul do Brasil. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 23, n. 2, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/4xvJmvrFdVfbH4yykt8qNRC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 27 jun. 2023.

MACHADO, N. R. C.; LEITE, I. C. DA S.; NEVES, J. A.; BOTEZELLI, L.; IMPERADOR, A. M. Feminismo e a agroecologia: uma revisão sistemática da produção científica nas bases internacionais. **PEGADA - A Revista da Geografia do Trabalho**, Presidente Prudente, v. 22, n. 3, 2022.

NOBRE, M. **Economía solidaria y economía feminista**: elementos para una agenda. REAS – Red de Economía Alternativa y Solidaria de Euskadi, Papeles de Economía Solidaria Número 4. Euskadi, 2015. Disponível em: https://www.economiasolidaria.org/sites/default/files/papeles%2004%20cast_0.pdf Acesso em: 27 jun. 2023.

SOLER MONTIEL, M. S.; RIVERA-FERRE, M.; GARCÍA ROCES, I. **O caminho para a Agroecologia feminista**. AS-PTA, Rio de Janeiro, 04 dez. 2020. Disponível em: <https://aspta.org.br/article/o-caminho-para-a-agroecologia-feminista/> Acesso em: 27 jun. 2023.

SVAMPA, M. **Las fronteras del neoextractivismo en América Latina**. Conflictos socioambientales, giro ecoterritorial y nuevas dependencias. Bielefeld University 20 Press CALAS, 2019. Disponível em: http://calas.lat/sites/default/files/svampa_neoextractivismo.pdf Acesso em: 27 jun. 2023.

WEZEL, A.; BELLON, S.; DORÉ, T.; FRANCIS, C; VALLOD, D.; DAVID, C. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. **Agron. Sustain. Dev.** v. 29, 2009.